

Pílulas de felicidade em tempos líquidos: uma análise sobre a minissérie Maniac¹

Elaine Christovam de AZEVEDO ²

Frederico Augusto Ribeiro da SILVA ³

Ricardo Ferreira FREITAS⁴

Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ

RESUMO

Propondo pílulas que mudariam a realidade, *Maniac* estreou em 2018 na plataforma de *streaming* Netflix e evidenciou, na recém descoberta forma de distribuição digital, diversas questões voltadas à saúde mental. Neste artigo, investigamos a minissérie pelos aspectos voltados à ideia de felicidade, tendo como principal base a modernidade líquida — refletida por Bauman — com ênfase na efemeridade das relações contemporâneas. Por meio da nossa análise, foi possível verificar que a trama sugere que o melhor remédio para momentos felizes são conexões reais, apesar de todas as complexidades que envolvem as formas de se relacionar no mundo pós-moderno.

PALAVRAS-CHAVE: Manic; minissérie; saúde mental; liquidez; felicidade.

INTRODUÇÃO

As mais diversas problemáticas da sociedade são refletidas nos mais diferentes produtos audiovisuais, capazes de levar o telespectador a pensar em algumas questões que rodeiam o seu mundo. Resguardado pela segurança da ficção e protegido por um suborno estético, aquele que assiste pode entrar em contato com emoções que, de outra forma, não seriam fáceis de acessar. Por meio da tela, também é possível a aproximação de situações que ultrapassam o cotidiano, permitindo a identificação, assim como a empatia com novos temas. Alguns deles, comum em muitas obras, são a loucura e a sanidade mental.

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Televisiva Seriada, XXII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 45º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutoranda e Mestre em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: elaine.azevedo26@yahoo.com.br

³ Mestrando em Comunicação pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: fredericoaugusto1@gmail.com

⁴ Orientador do trabalho. Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), e-mail: rfreitas@uerj.br

Dentre as inúmeras ficções seriadas que abordam o assunto, escolhemos tratar aqui de “Maniac”, minissérie com 10 capítulos de diferentes durações, que estreou na plataforma de streaming Netflix em 2018. A obra nos interessa por traçar uma narrativa pouco convencional sobre distúrbios psiquiátricos e apresentar uma busca incessante pela felicidade. A trama, criada com as linhas surrealistas de Patrick Somerville, gera um valioso material para discutirmos questões como a dor e prazer, tristeza e alegria e sobretudo sanidade mental. Analisaremos aqui como o roteiro da obra — assim como a sua direção — ilustram com propriedade conceitos psicanalíticos clássicos como repetição e a formação de sonhos, além de conceitos da filosofia e da comunicação, como a modernidade líquida e a efemeridade das relações contemporâneas dos quais nos fala o filósofo polonês Zygmunt Bauman.

Para isso, percorreremos em nosso texto as diferentes concepções filosóficas de felicidade na cultura ocidental, desde a antiguidade, passando pelo iluminismo e pela modernidade e até mesmo a visão judaico-cristã, com destaque para o pensamento de filósofos como Aristóteles, Epicuro e o próprio Bauman. Recorremos ainda ao que José Ayres chama de “projeto de felicidade” para nos ajudar a entender a importância de considerar a individualidade de cada pessoa e como tal projeto está intrinsecamente ligado à saúde mental dos sujeitos.

É importante destacar que a minissérie, situada em um tempo aparentemente indefinido e com uma estética simultaneamente marcada pelo chamado *cyberpunk* – visão de mundo marcada pela tecnologia – e por elementos que já se tornaram parte do passado, nos deixa inicialmente em dúvida sobre a época em que se passa. Mas acreditamos que isso seja importante para que possamos emergir no peculiar universo da trama, que remete de forma ora mais, ora menos camuflada aos diversos dilemas da sociedade pós-moderna e da modernidade líquida que se relacionam muito diretamente a questão da saúde mental, como a solidão, conexões somente no universo virtual e a perda de privacidade a qual todos nós somos submetidos ao nos utilizarmos das redes sociais, não apenas pelo que expomos ali, mas, pelos modos como nossos dados são utilizados.

Interessa-nos discutir ainda como e se a felicidade muitas vezes fabricada do mundo virtual pode interferir na saúde psíquica das pessoas, ao atirar uma inalcançável expectativa de ser e ser visto como perfeito, em contramão com o que a psicanálise nos

ensina sobre a castração, isto é, sobre a impossibilidade da plenitude para o ser humano, assunto que discutiremos ao longo do texto.

2. O PROJETO FELICIDADE

Como resultado da sua proposta original, *Maniac* nos permite vislumbrar e refletir sobre questões tão diversas quanto racionalidades médicas, bioética, doença mental e o que seria a “tal da dona felicidade”, cantada na música infantil dos anos 1980, escrita por Michael Sullivan e Paulo Massada⁵, ou repensada na canção de Gonzaguinha⁶, que afirma que a felicidade baterá nas nossas portas. Afinal de contas, qual seria esse sentimento que nos visitaria?

Há muitas respostas possíveis para essa última pergunta. Para além do senso comum, a busca pela felicidade é um tema recorrente na filosofia ocidental, tendo encontrado diferentes expressões na Antiguidade clássica, no cristianismo, na Renascença, no iluminismo e na perspectiva pós-moderna. Para Aristóteles (2006), a felicidade é a meta de toda a ação humana. Já para Epicuro (2002), felicidade é ausência de sofrimento, de perturbações da alma, o bem supremo pelo qual atingimos as demais virtudes. Somos atraídos pelo prazer e fugimos da dor e do sofrimento. Ideia essa que seria retomada pelo renascentismo e que contradiz com a moral judaico-cristã que reserva a felicidade apenas para o plano espiritual, aquele que só pode ser alcançado após a morte e justifica o sofrimento terreno.

Bauman (2001) cunhou a noção de modernidade líquida para falar de uma época em que as relações se caracterizam por serem frágeis e maleáveis, como o líquido, algo que escorre e não se fixa. Na sociedade contemporânea, de acordo o autor, as ideias relacionadas à felicidade estariam associadas ao discurso do consumo e à um prazer imediato e volátil. Assim, objetos e pessoas se tornam mercadorias que visam a satisfação imediata do prazer.

Aliás, por meio de *Maniac*, é possível observar que alguns personagens — participantes de uma pesquisa científica — são movidos por uma necessidade de imediatismo, seja pelo dinheiro ou pela cura instantânea de seus males, como se a

⁵ Referência à canção Dona Felicidade, cantada pelo grupo infantil Trem da Alegria.

⁶ Referência à canção A felicidade bate à sua porta, cantada e composta pelo artista Gonzaguinha.

felicidade realmente pudesse ser vendida em pílulas. Ao sair da ficção, fazendo um paralelo com o mundo pós-moderno, podemos pensar que não por acaso tem se tornado cada vez mais comum o uso de ansiolíticos e antidepressivos na busca por algo que poderíamos chamar de uma felicidade medicamentosa. Outra expressão encontrada em diferentes estudos é a “medicalização da vida” que consiste, de acordo com o Conselho Federal de Medicina na

transformação de situações normais da existência humana em objetos de abordagem por profissionais de saúde, utilizando medicamentos e equipamentos. Eventos como nascimento, morte, adolescência, menopausa, envelhecimento, atividade sexual, distúrbios digestivos e outros, são transformados em situações clínicas. Nessas situações, é preciso desenvolver atitudes e ações destinadas a promover a qualidade de vida e prevenir doenças, mas o que acaba ocorrendo é o uso indiscriminado e em larga escala de medicamentos (VELLOSO, 1999).

Sublinhamos que não somos contra o uso de remédios e é fundamental o cuidado de não cair no extremo oposto: considerá-los dispensáveis em todo e qualquer caso. Ayres (2007, p. 1) fala sobre a revisão crítica que tem sido feita no Brasil em relação às abordagens médicas excessivamente centradas na doença, porém, nos alerta para

o perigo de satanizar os desenvolvimentos científicos-tecnológicos, o conhecimento fisiopatológico, genético, os conhecimentos sobre a doença. O ideal seria uma mudança paradigmática, no qual se daria uma maior ênfase na promoção de saúde, atentando, porém, para o risco de não cair em uma nova polarização dos conceitos de saúde e doença.

Existem situações nas quais a medicação é necessária e fundamental para a qualidade de vida do sujeito. Mas, por exemplo, uma criança travessa não necessariamente é hiperativa, assim como uma pessoa que está triste não necessariamente tem depressão clínica. Logo, a alegria, a melancolia, a tristeza são apenas parte da vida. Argumentamos, aqui, o perigo de acreditar na felicidade instantânea, *instagramável* e imediata, ponto esse levantado por Bauman, que argumenta é sobre a necessidade de dar visibilidade a essa felicidade imediata. Ao olharmos para as redes sociais, os sorrisos facilmente se revelam num simples clique.

Para o filósofo polonês (2008, p. 21), “na era da informação a invisibilidade equivale à morte”. Ilustrando novamente o texto com a minissérie analisada, Owen e Annie ocupavam esse lugar de invisibilidade. Em alguns momentos pontuais isso chega a ficar explícito, como quando vemos uma enorme pintura no qual são retratados apenas

os pais e os irmãos de Owen. Ao lado do quadro, uma pequena foto do rapaz sozinho. Fato que ele justifica dizendo que o pintor tirou férias, mas, ainda irá pintá-lo.

Quanto a Annie, a sua única relação afetiva é com o pai, mas a personagem dialoga com ele através de uma caixa. Antes de fazer parte da pesquisa científica, todas as interações que vemos dela com outras pessoas são superficiais, seja com a leitora de anúncios ou com o traficante. Isso pode estar relacionado com o lugar de exclusão social que muitas vezes ocorre com os portadores de doenças mentais.

É interessante ainda pensar que os cientistas da minissérie, tão preocupados em criar um tratamento medicamentoso para erradicar a infelicidade, jamais se preocupem em questionar os voluntários acerca do que Ayres chama “projeto de felicidade”.

(...) Como experiência vivida, o projeto de felicidade é aquilo que move e identifica as pessoas em seu existir concreto. Como dispositivo compreensivo-interpretativo e referência normativa para as práticas de saúde, o projeto de felicidade é o pano de fundo que confere contorno às identidades, valores, vivências dos sujeitos. É o todo que dá sentido a uma parte, sem que o todo seja absoluto, nem a parte definitiva. Sabe-se que a realidade não está toda contida ali e que aquela é apenas uma entre outras expressões possíveis da realidade, mas, há uma verdade ali naquele momento, reclama reconhecimento, compartilhamento e ação (AYRES, 2007, p.56)

Como veremos a seguir, *Manic* acaba se revelando como uma história sobre amizade. Para os personagens Annie e Owen, duas pessoas solitárias e socialmente deslocadas, o projeto de felicidade que constroem se traduz na busca por estabelecer uma conexão com alguém.

2. AS PÍLULAS DE MANIAC

Ainda que algumas “pílulas” sobre Maniac já tenham sido oferecidas aos leitores do artigo, é necessário realizar um aprofundamento maior no subjetivo universo proposto pela minissérie. *Maniac* é uma produção norte-americana de ficção científica, criada por Patrick Somerville, dirigida por Cary Fukunag e estrelada pelos atores Emma Stone e Jonah Hill, respectivamente nos papéis de Annie Landsberg e Owen Milgrim. A produção original da Netflix é baseada em uma série norueguesa e estreou em 2018 no catálogo do site de streaming.

Vamos à trama: Annie e Owen, os protagonistas, estão, de certa forma, “quebrados” por dentro. Ela jamais conseguiu superar o abandono da mãe e a morte da irmã caçula e não pode contar com o pai que vive literalmente em uma caixa. Ele tem

esquizofrenia e pertence a uma família rica e tóxica que o vê como a “ovelha negra” do clã. Levados por motivos diferentes, eles se inscrevem como cobaias de uma nova droga experimental que promete acabar com qualquer tipo de sofrimento mental sem a necessidade de terapia. Embora a motivação de Owen seja ganhar dinheiro⁷ – visto que acabou de perder o emprego e não quer depender da família - e a de Annie obter uma das drogas do experimento – no qual é viciada – é curioso pensar que eles tenham sido atraídos justamente para um experimento que promete “consertar” mentes.



Figura 1: Anúncio da série *Maniac* **Fonte:** Reprodução Netflix (2021)

O tratamento ao qual os personagens são submetidos consiste em engolir 3 pílulas diferentes em 3 dias diferentes. A pílula “A” faz com que a pessoa reviva mentalmente o dia mais traumático de sua vida, a “B” leva os voluntários a encarar as mentiras que contam para si mesmos, enquanto a “C” os leva ao confronto com o próprio eu. É na primeira pílula que Annie é viciada e é em busca dela que, durante a minissérie, chega a mentir e chantagear os envolvidos no experimento para conseguir participar dele. Antes, ela obtinha ilegalmente por meio do filho de um dos cientistas do laboratório.

Por medo que o pai descubra, o rapaz para de lhe fornecer a droga, mas aconselha a Annie a entrar no programa para obtê-la. O efeito da pílula não são viagens psicodélicas, mas, a repetição incessante de um trauma. Esse trecho nos remete ao conceito psicanalítico de repetição, segundo o qual o sujeito tende a repetir certos comportamentos

⁷ Nos Estados Unidos, ao contrário do Brasil onde isso é proibido, voluntários são pagos para testar novas drogas.

e padrões enquanto não consegue elaborar em sua mente os traumas inconscientes que conduzem a tais atos.

Chamamos de acting-out ou atuação o mecanismo psíquico que leva o sujeito a transformar em ato/ação aquilo que foi reprimido e não pode ser expresso através da lembrança. A repetição desses atos é uma forma de recordar (...) Repetir é uma maneira encontrada pelo inconsciente de alcançar o controle de uma situação que não foi psiquicamente elaborada. (AZEVEDO, 2010, p. 48)

No caso de Annie, ocorre algo quase contraditório, mas muito condizente com a proposta da série. A lembrança incessante do trauma é a própria forma como ela atua. E diferentemente da primeira pílula, as outras duas levam ao que os neurocientistas da trama chamam de reflexo, que consistem em alucinações criadas por uma Inteligência Artificial chamada Greta, a partir do que está no inconsciente dos voluntários. Mesmo sendo uma máquina, Greta foi programada para ter empatia pela personagem Dr. Azumi (coordenadora do experimento científico).

O objetivo era que ela pudesse prever o comportamento dos indivíduos e interromper o teste caso detectasse que corriam riscos. Mas a I.A acaba desenvolvendo sentimentos românticos pelo Dr. Robert, um dos neurocientistas. Quando ele morre, isso a afeta de tal forma que ocasiona uma falha em seu sistema que culmina na fusão dos números 1 e 9, respectivamente os de Owen e Annie no experimento. Isso permite que eles compartilhem as mesmas experiências dentro de suas mentes. E é no mundo da ilusão que eles começam a criar uma conexão real.

O laboratório farmacêutico onde se passa grande parte da ação da minissérie tem uma estética quase surreal e os neurocientistas e funcionários que por ali circulam beiram propositalmente a caricatura. Isso acaba por criar um contraste com os protagonistas, que são representados de forma mais realista, na contramão do que muitas vezes ocorre quando se trata de personagens com distúrbios psiquiátricos. Vemos um Owen contido, introspectivo e sempre inseguro com o medo de não conseguir diferenciar realidade e alucinação e uma Annie inconstante e instável, por vezes mentirosa, mas, frágil. A proposta, cremos, é que o espectador acredite que aquelas duas pessoas poderiam de fato existir, o que colabora para que sinta compaixão e empatia por elas.

2. O MUNDO DE MANIAC E O MUNDO DOS SONHOS

A partir do terceiro episódio da minissérie — e da ingestão das pílulas “B” e “C” — aquele que assiste é convidado a mergulhar nos universos criados pelas psiquês de Annie e Owen, nos quais eles podem ser desde um casal dos anos 40 até uma dupla de golpistas ou espões secretos. Se a vida consciente dos protagonistas é apresentada com um tom melancólico, nesse mundo onírico, tudo ganha cor e humor e os episódios se transformam em uma miscelânea de gêneros que vão da ação até a fantasia medieval, passando pelo *noir* e pela comédia rasgada.

De acordo com Freud (1996), os sonhos são produzidos pelo inconsciente e compostos de mecanismos como a condensação de vários elementos em um só, o deslocamento de algo mais significativo para algo de menor importância, o simbolismo e a dramatização. Tudo isso aparece em cada um dos universos criados pelas mentes dos protagonistas, que assim como os sonhos jamais são aleatórios, por mais bizarros que possam parecer. Se a pílula “B” serve para se defrontarem com mentiras inconscientes, logo no primeiro “reflexo” já se veem envolvidos em uma confusão envolvendo uma loja de peles de animais, quando pode ser interpretado que ambos se sentem desconfortáveis em suas próprias peles. Na outra história, são um casal de golpistas atrás de uma versão mágica do livro Dom Quixote. Lembremos que a obra de Cervantes também fala de um homem que confundia fantasia e realidade e que esse aspecto do livro que interessava Annie.

Quando tomam a pílula “C” se separam. A interpretação dos seus sonhos fica ainda mais clara. Na história criada pela mente de Owen, por exemplo, ele pertence a uma família de mafiosos, em um contexto no qual ter o mesmo sangue significa lealdade, inclusive, no crime. Em sua vida real está sendo pressionado pela família a mentir a favor do irmão em um julgamento. Encontra ainda uma versão da menina de quem ele gostava antes de ter seu primeiro surto e vive uma história com ela. Já Annie reencontra a irmã em uma história de fantasia, onde ela é um elfo que precisa levar à menina até um lago mágico onde ela será curada de uma doença. Em sua vida, Annie se culpa pelo acidente de carro que tirou a vida da caçula, de quem ela tinha prometido cuidar quando a mãe as abandonou. São fantasmas com que ambos precisam lidar.

Assim como nos sonhos, restos diurnos de experiências vividas pelos personagens se misturam a elementos surreais para compor uma história: o segurança que chama a atenção de Annie logo no início da série aparece em um dos reflexos como guarda florestal e repete a mesma frase que havia lhe dito quando ela perguntou a ele se era policial: “é a quase a mesma coisa”, o homem que lia anúncios para Owen no metrô vira o chofer dele e assim por diante. Como nos lembra a psicanálise, a interpretação dos sonhos nos revela muito sobre o inconsciente do sonhador e em *Maniac* isso é muito bem ilustrado. Cada um desses reflexos/sonhos/alucinações está intrinsecamente ligado aos traumas e vivências dos personagens.

A Nova York onde a história se desenrola também parece saída de um sonho. Um lugar que se parece com o mundo real, mas, não é o mundo real. Poderíamos até mesmo pensar que se trata de uma obra futurista, se não fosse pelo fato de que a trama também está cheia de elementos retrô. Entretanto, quando um dos personagens, que aparenta ter aproximadamente 40 anos, revela ter nascido em 1977 fica claro que a história se desenrola na contemporaneidade, mas, em um universo paralelo. Esse mundo “louco” tão parecido e ao mesmo tempo tão diferente do mundo real pode causar no espectador uma estranheza que pode tornar difícil embarcar na trama.

Isso nos remete mais uma vez tanto ao universo dos sonhos quanto ao mundo de pessoas acometidas por transtornos mentais. Um mundo solitário ao qual nem sempre se consegue ter acesso e com o qual muitos não sabem lidar.

Há outras questões no universo fantástico de *Maniac* que vale a pena mencionarmos. Embora não sejam mostradas redes sociais tal como as conhecemos, há diversos elementos que remetem a elas, como o fato de que os indivíduos podem obter certos serviços e produtos pagando não com dinheiro, mas, com “ADD Buds”, ou seja permitindo que um leitor de anúncios lhes leia propagandas personalizadas. Quando Annie tenta pagar um cigarro assim, o dono do estabelecimento se recusa alegando não confiar na empresa, pois ela coleta todos os seus dados pessoais. Mais tarde, corroborando o que o homem diz, quando Owen paga uma passagem de metrô com o ADD Bud, os anúncios lidos pelo leitor deixam claro que as empresas sabem muito sobre a vida pessoal do protagonista, até mesmo quanto de sua renda é comprometida pelo aluguel.

Tais cenas funcionam como metáforas para os atuais modelos de propagandas das redes sociais, que coletam dados dos usuários para lhes fornecer publicidades

personalizadas. Outra crítica interessante da série é a existência de uma empresa especializada em alugar amigos, que durante o tempo acordado fingem ser quem o cliente deseja que eles sejam. Trata-se de um paralelo interessante com os “amigos” das redes sociais com quem por vezes não se tem qualquer tipo de conexão real⁸.

O que tais experiências nos mostram é que a busca por uma conexão com os demais faz parte da natureza humana e esse, por sinal, parece ser o mote de *Maniac*. A primeira cena, quando Dr. James fala sobre o surgimento das primeiras formas de vida já reforça a ideia, frisando a todo tempo como tudo nasce de conexões. Bauman (2001) também ao argumentar da liquidez que hoje pode ser experimentada, aponta também a importância de entrelaçamentos para além das relações superficiais.

No episódio final, após acordarem, Annie e Owen são liberados juntos com os demais participantes da experiência e além do cheque e do lembrete de que assinaram um contrato, recebem parabéns por estarem curados. Mas até que ponto isso é verdade? É certo que eles sofreram mudanças ao longo do processo, mas, isso parece estar muito mais relacionado à conexão acidental que experimentaram do que as pílulas em si. Ainda assim, não há nada neles ao sair do laboratório que deixe transparecer que alcançaram a tal felicidade plena prometida. Mas o que seria isso, afinal? Seria a ausência total de sofrimento mental? Essas são apenas algumas das reflexões as quais a trama nos instiga.

3. MANIAC E ALGUMAS QUESTÕES DA BIOÉTICA

Na minissérie, após a morte do Dr. Robert é o problemático Dr. James que assume a função. O médico foi um dos criadores da pesquisa e é obcecado por provar ao mundo que pode curar todos os males mentais sem a necessidade de terapia, o que sem sobra de dúvida tem a ver com seu relacionamento complicado com a mãe, uma famosa terapeuta que escreve livros ensinando as pessoas como alcançar a felicidade. Há muitos elementos nessa subtrama que remetem a mais um conceito psicanalítico, o de complexo de Édipo.

⁸ Na verdade, tal empresa não é tão fantasiosa como pode parecer. No Japão, por exemplo, existem empresas como a Family Romance, que aluga não apenas amigos, mas, pais e mães “de mentirinha. Mesmo no Brasil, já existem serviços como o Rent a local Friend que oferece para estrangeiros “amigos” que poderão lhes guiar em suas incursões pelo país.

Não vamos nos estender nisso aqui, mas, uma das cenas que faz alusão a isso é quando James é acometido por uma cegueira psicológica, logo quando precisa recorrer a mãe para ajudá-lo com os novos sentimentos do computador Greta. Lembremos que a cegueira foi também o destino do personagem grego. Além disso, tal como Édipo e Jocasta, a relação entre James e sua mãe têm um quê de incestuoso, que se revela tanto no beijo na boca que eles trocam ao se encontrarem após sete anos – e que não se assemelha a nada maternal – quanto no fato dele, quando o seu pai foi embora, passar a dormir na cama da progenitora e lá permaneceu por mais tempo do que seria apropriado.

Apesar dos problemas pessoais, Dr. James parece se esforçar para manter uma atitude técnico-científica diante dos voluntários. Isso fica claro quando os entrevista em uma sala na qual um painel marca pontos apenas quando dizem a verdade. Qualquer nota abaixo do ponto de corte implica na expulsão imediata do experimento. Ele faz perguntas bastante pessoais, mas não parece apto a lidar com as respostas. Ao fim, o computador traça um diagnóstico, impresso em uma folha de papel, que James apenas entrega a cada um deles.

Na folha que Annie recebe está escrito “transtorno de personalidade borderline, uma perda traumática, protetora do vínculo maternal” e na de Owen “sinais de esquizofrenia paranóide, transtorno delirante do construto de identidade Grimson e covardia perpétua”⁹. Por meio da interpretação dos atores, é possível perceber a dor dos personagens ao ler aquilo sem que eles, mesmo que não seja dita qualquer palavra. A falta de jeito e de empatia com que Dr. James lhes dá o diagnóstico mais uma vez ressalta a solidão dos protagonistas e nos fornece uma ótima ilustração de quando o tecnicismo científico é colocado acima do fator humano.

Entretanto, mais para frente, vemos que James tem um limite ético que se sobrepõe à pura racionalidade tecnicista. Quando a Inteligência Artificial se rebela e decide por conta própria que manterá os voluntários presos para sempre no sonho, o médico opta por destruir a máquina. Mas isso não se dá sem resistência, inclusive da parceira, Dra. Azumi, que em certo momento tenta convencê-lo de que valeria a pena o “mcmurphys” em prol de um ideal maior. Notemos que McMurphy, nome pelo qual os cientistas chamam o

⁹ Dr. James demonstra saber detalhes de como a irmã de Annie morreu sem que ela tenha dito nada. Já Grimson é o nome de uma alucinação constante de Owen: uma versão de Jed que o trata como um herói, bem diferente do irmão de verdade que sempre o coloca numa posição de inferioridade. Vemos então que o diagnóstico da IA é extremamente personalizado.

aprisionamento dos participantes do experimento em suas próprias mentes, é uma clara referência ao protagonista de *Um estranho no ninho* (1976) que termina o filme sendo lobotomizado e ficando catatônico. Não por acaso, anteriormente, quando Azumi diz à mãe de James que o tratamento que estão desenvolvendo no laboratório é muito mais elegante do que terapia, essa lhe responde que a lobotomia também era considerada um tratamento elegante quando foi inventada.

Lembremos que o objetivo de Azumi ao dar sentimentos a um computador era proteger os participantes da pesquisa, após uma falha anterior do experimento que resultou em 4 “*mcmurphys*”. Ou seja, a mesma pessoa que se preocupava com a segurança e a integridade dos voluntários, agora cogita sacrificá-los em prol da continuidade pesquisa. Ela racionaliza o fato lembrando a James que todos eles haviam assinado um termo de responsabilidade e, portanto, estavam cientes de que havia riscos. Somos levados então a uma velha questão da bioética: até onde se pode ir com experimentos com seres humanos?

Sabemos que na vida real muitos experimentos bárbaros já foram cometidos em nome da ciência e do progresso, tal como nos campos de concentração nazista, o que nos leva a pensar que o fundamentalismo científico pode ser tão perigoso quanto o religioso. Outra questão que vale a reflexão é que mesmo com a autorização do sujeito da pesquisa, é preciso ter cuidado com os limites éticos e com a proteção da sua integridade.

Na trama, Azumi acaba por se convencer e ajuda um James ainda cego a desarmar o computador, interromper a experiência e trazer os voluntários de volta à consciência, ainda que isso custe o emprego e o maior projeto da vida de ambos. Em contrapartida, ele volta a enxergar e eles retomam um relacionamento anterior. Isto é, poderíamos pensar que assim como Owen e Annie, James e Azumi tiveram um desfecho feliz. Porém, pesquisando sobre a série, descobrimos que há quem enxergue o final da minissérie de forma muito mais sombria do que parece inicialmente. Um final onde a máquina jamais foi derrotada e Annie e Owen jamais conseguiram sair do mundo dos sonhos, tendo ficado presos para sempre em suas mentes, isto é, no qual se tornaram sim um “*mcmurphy*”.

Assim, todo o arco final, marcado por uma mensagem de esperança, seria na verdade ilusório, fruto da imaginação dos personagens. Essa visão é corroborada pela cena pós-crédito, onde aparecem seguindo o carro dos protagonistas, o falcão do qual Owen cuidou quando era criança e foi morto por seu irmão e o cachorro da irmã de Annie,

desaparecido há mais de sete anos e possivelmente também morto. Além disso, a última cena, com os dois fugindo de carro, é idêntica ao sonho que Owen descreveu para Annie que gostaria de ter em um episódio anterior. O fato é que, embora aparente ter um final fechado, a trama deixa a cargo do espectador tirar suas próprias conclusões sobre o destino dos personagens: se afinal de contas, eles se libertaram ou, ao contrário, ficaram presos para sempre dentro de suas mentes.

ÚLTIMAS CONSIDERAÇÕES

Para encerrar o texto, iremos voltar na “pílula” dada no nosso artigo: uma obra de ficção tem o poder de nos fazer refletir sobre o mundo em que vivemos e somente com a reflexão ocorre a transformação. Ao analisarmos *Maniac*, ainda que marcada pelo surrealismo, foi possível confirmar tal afirmação. A minissérie, nos mostrou que arte pode levar a sociedade a ter uma maior compreensão das pessoas com transtornos mentais, o que conseqüentemente, contribui para a redução do estigma. Além disso, dentro de sua proposta de ficção científica, a trama torna possível refletir sobre os mais diversos aspectos relacionados ao tema da saúde mental.

Atualmente, a realidade se torna múltipla, repleta de filtros, numa espécie de “felicidade-ostentação” exibida nas redes sociais. Há também uma cobrança de sucesso e a necessidade de exibi-lo para todos. Hoje, viver não é preciso, postar sim. Uma rede social repleta de pessoas é tomada como sinônimo de sucesso e de felicidade. Mas há um detalhe do qual muitos se esquecem: assim como a perfeição, essa alegria plena prometida pela sociedade do consumo e da informação, com suas próprias pílulas mágicas – é tão fictícia quanto aquela prometida pelas pílulas de *Maniac*.

Ainda que pareça um pensamento pessimista, é necessário lembrar que todos nós precisamos lidar com a incompletude. Mesmo que seja tentadora a ideia de tomar um comprimido para que todos os traumas sejam superados e a felicidade plena nos acene, não pode ser esquecido que todos os sentimentos são parte da imperfeita experiência humana na terra e, para isso, não precisamos de um remédio, na verdade, a imperfeição é aquilo que pode nos mover para frente, em direção ao que as correntes religiosas entendem como evolução.

Fazendo um paralelo com a hermenêutica traçada por Ayres para falar de doença/saúde, acreditamos que assim como essas duas palavras não são antônimos óbvios, felicidade também não significa o oposto imediato de tristeza. Afinal, como saber o que é felicidade se não sabemos o que é tristeza? Em nosso entender uma ideia precisa estar referenciada pela outra. É como diz a letra de Vinicius de Moraes “É melhor ser alegre que ser triste. Alegria é a melhor coisa que existe [...] Mas pra fazer um samba com beleza é preciso um bocado de tristeza, senão não se faz um samba não”¹⁰.

As canções são formas de interpretar o mundo. Mais recentemente, Marcelo Jeneci escreveu que “felicidade é só questão de ser”¹¹ e, antes, Ney Matogrosso cantou que louco era quem não era feliz¹². Esses são exemplos que a loucura e a felicidade são assuntos que também perpassam outras manifestações artísticas, ficando enquanto uma inquietação para uma nova produção acadêmica entrelaçando as duas temáticas.

Evidentemente, o espaço do artigo é limitador, sendo impossível debater toda a riqueza que uma obra audiovisual apresenta. Assim como que não buscamos usar o texto para afirmar que as pessoas não podem ter redes sociais, muito menos que não devam tomar remédios quando necessário. Destacamos o risco da ilusão gerada por isso e, em nosso entender, o que chamamos de felicidade ultrapassa a liquidez e se traduz além do consumo. A felicidade é achada nas horas de descuido — como disse Guimarães Rosa (2021) e, na série, a relação entre Annie e Owen, ao final, se mostra como um exemplo de uma conexão geradora de momentos felizes.

É possível retirar de *Maniac*, uma cena para ilustrar a nossa percepção: após alguma resistência, Owen atende ao pedido de Annie e, meio envergonhado, conta a ela como gostaria que fosse seu “reflexo” se pudesse escolher. Os dois estão em uma fuga de carro em alta velocidade e ele está sorrindo, “um sorriso tão grande que até dói” — segundo ela. Há alguém no encalço deles, não se sabe quem. Mas isso não é importante. O importante é que eles são apenas duas pessoas atentas uma à outra. Ao contrário do que Owen imaginava, Annie não acha que a história seja bobagem e fica tocada com ela. O desejo intenso dos personagens de estabelecer um laço com alguém que se importe mostra a possibilidade do encontro e da felicidade na chamada vida real.

¹⁰ Trechos de Samba da benção, música de Vinicius de Moraes.

¹¹ Trecho de Felicidade, música de Marcelo Jeneci.

¹² Trecho de Balada do Louco, música de Arnaldo Baptista e Rita Lee.

Felicidade essa que não é antônimo de tristeza/sofrimento, mas, como a possibilidade de descobrir novos mundos e caminhos sempre que necessário. Em um mundo em que o final, se não feliz, pelo menos otimista de Owen e de Annie seja o que prevalece e que as pessoas estejam mais abertas para compreender o diferente e cuidar de si e do outro.

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. São Paulo: Martin Claret, 2003.
- AYRES, José Ricardo. **Uma concepção hermenêutica da saúde**. PHYSIS. Saúde Coletiva. Rio de Janeiro, 43-62, 2007.
- AZEVEDO, Elaine C. **Teatro e Psicanálise**. São Paulo: Biblioteca 24x7, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- EPICURO. **Carta sobre a felicidade (a Meneceu)**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.
- FREUD, Sigmund. A Interpretação dos sonhos|. In: **Edição Standard brasileira das obras completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1996.
- MANIAC. Direção Cary Fukunaga. Estados Unidos, 2018 (386 minutos).
- UM ESTRANHO NO NINHO. Direção de Milos Forman. Estados Unidos, 1976 (133 minutos).
- ROSA, João Guimarães. **Tutameia** (Terceiras Estórias). São Paulo: Editora Global, 2021.
- VELLOSO, Cid. Medicalização da vida. **Conselho Federal de Medicina**, 1999. Disponível em: <https://portal.cfm.org.br/artigos/medicalizacao-da-vida/> Acesso em: 02 jun. 2022.